

A IMPORTÂNCIA E A CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

THE IMPORTANCE AND CONSTRUCTION OF INTERCULTURAL EDUCATION

Susy Adelina Mateus – FACMAIS/Brasil.
Marcelo Máximo Purificação - FACMAIS/Brasil.
Dostoiowski Mariatt de Oliveira Champangnatte- FACMAIS/Brasil.
Elisângela Maura Catarino- UNIFIMES/Brasil.

RESUMO: A sociedade brasileira possui inúmeras diversidades, estas que partem desde o processo de produção da história, que não valoriza da mesma forma os grupos étnico-sociais, mas coloca o branco como centro dos fatos e negros e outras etnias com papéis secundários e, muitas vezes, até negligenciados e inexistentes. Da mesma forma, nota-se como a diversidade cultural do país faz com que o mesmo seja um local de contrastes, de línguas diferenciadas, de formas diferentes de apropriação do espaço e de comunicação. Tudo isso, incide sobre a necessidade de uma educação que respeite e valorize essas diversidades, para que a própria sociedade possa ser mais democrática e respeitosa diante dessas diferenças. O objetivo deste artigo é discutir a construção assim como a importância da educação intercultural de forma que as instituições de ensino contribuam para a produção de sociedades mais justas, igualitárias, que respeitam e valorizam as diversidades. A metodologia utilizada na elaboração da pesquisa foi a revisão bibliográfica, com base em autores como Nascimento e André (2020), Candau (2011), Fagundes (2018), dentre outros. Ficou claro que a educação intercultural nas escolas auxilia na produção de conhecimentos, cria reciprocidade e diálogo entre as diferentes culturas, ensinando sobre a importância do respeito às diferenças e da valorização das diversidades, além de garantir maior troca de experiências e professores, o que é algo benéfico a ambos os lados.

Palavras-chave: Aluno. Cultura. Cidadania. Diversidade. Educação.

ABSTRACT: Brazilian society has countless diversities, which start from the production process of history, which does not value ethnic-social groups in the same way, but places white people as the center of facts and blacks and other ethnic groups with secondary roles and, often, even neglected and non-existent. Likewise, it is noted how the cultural diversity of the country makes it a place of contrasts, of different languages, of different forms of appropriation of space and communication. All of this focuses on the need for an education that respects and values these diversities, so that society itself can be more democratic and respectful in the face of these differences. The purpose of this article is to discuss the construction as well as the importance of intercultural education so that educational institutions contribute to the production of fairer, more egalitarian societies that respect and value diversity. The methodology used in the elaboration of the research was the bibliographic review, based on authors such as Nascimento and André (2020), Candau (2011), Fagundes (2018), among others. It became clear that intercultural education in schools helps in the production of knowledge, creates reciprocity and dialogue between different cultures, teaching about the importance of respecting differences and valuing diversity, in addition to ensuring greater exchange of experiences and teachers, which is something beneficial to both sides.

Keywords: Education. Culture. Citizenship. Diversity. Student.

1. INTRODUÇÃO

A diversidade sociocultural é uma das principais características brasileiras, advindas do próprio processo de formação do país, ainda no período colonial que reuniu diferentes povos, histórias e culturas, produzindo diferentes influências e realidades que ainda refletem na atualidade. De acordo com Collier (1995), o país possui mais de 220 povos distintos que vivem em todos os Estados da Federação, compostos de mais de 300 etnias, o que contribui valiosamente para a riqueza e para a interculturalidade do país.

Segundo a Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010, que define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, toda pessoa tem direito a cidadania, qualificação para o trabalho e inserção social, e para isso precisa ter acesso a educação que respeite suas diversidades e particularidades em todas as fases de sua vida.

Através das perspectivas trazidas pelas diretrizes, nota-se como é importante que a educação seja estruturada de acordo com a realidade política, econômica, social e cultural existente, para que a formação do cidadão ocorra de acordo com a sociedade da qual ele faz parte, mas também observando as características desse aluno, as diversidades que existem dentro da sociedade e proporcionando condições didático, metodológicas e pedagógicas que façam com que as peculiaridades e particularidades de cada aluno sejam respeitadas e incluídas em sala de aula.

Quando se fala em interculturalidade, Fagundes (2018), a define como o encontro entre o mundo do professor e o mundo do aluno dentro do espaço escolar, todos eles com diferentes vivências, conhecimentos e experiências que precisaram conviver em harmonia de forma a proporcionar um processo de ensino-aprendizagem de qualidade.

Diante tal quadro, o interesse pelo tema “interculturalidade” dentro do espaço educacional surgiu a partir da observação de que, historicamente, as instituições de ensino foram configuradas para atender a uma cultura e um modelo de aluno, muitas vezes negligenciando as diversidades sociais e até mesmo a própria história do aluno que estava em sala de aula. A pesquisa torna-se assim interessante, uma vez que seja em qualquer parte do país, a diversidade sociocultural está presente, precisando ser valorizada e considerada dentro da produção do processo de ensino-aprendizagem.

Objetiva-se assim discutir o processo de construção assim como a importância da interculturalidade dentro da educação e para isto define-se o que é interculturalidade, diferenciando-a a multiculturalidade, enfoca-se como a interculturalidade pode ser desenvolvida dentro do espaço escolar, como é importante a formação docente para esse processo, dentre outros aspectos.

A metodologia utilizada na elaboração da pesquisa foi a revisão bibliográfica e o conceito desse tipo de pesquisa é apresentado por Lima e Miotto (2007, p.30) citando que ela “implica em um conjunto ordenado de procedimentos em busca de soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório”. Assim, é visto como um procedimento metodológico de grande importância na produção do conhecimento científico, explorando discussões já realizadas, indo ao contato com outras pesquisas sobre o tema aqui proposto.

2. A DIVERSIDADE E A EDUCAÇÃO PARA TODOS

A escola é uma instituição social que trabalha em prol da cidadania, onde, pressupõe-se que haja respeito às diferenças, como forma de combater as desigualdades. Nesse sentido, Santos (2008) afirma que todo aluno é único, e suas características particularidades influenciam na forma como ele aprende, comunica-se, assim como convive com outras pessoas e por isto, é preciso compreender mais amplamente o conceito de diversidade. O Mini-dicionário Aurélio (2004) conceitua diversidade como “qualidade ou condição do que é diverso, diferença, dessemelhança” e no caso específico da diversidade dentro da educação, remete-se a ideia de que é preciso dar oportunidades a todos os alunos, não apenas de que façam parte do ambiente escolar, mas que tenham acesso a uma educação de qualidade que respeite suas diferenças e os auxilie desenvolver suas potencialidades.

Toda educação deve ser construída de forma a respeitar o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, promovendo um ensino de qualidade a todas as pessoas, garantindo que elas tenham formação para a cidadania, que a escola seja um veículo de transformação social, no sentido de que muitos preconceitos originam-se da falta de conhecimento e de tolerância sobre o que são as diversidades, estas que precisam ser representadas e respeitadas dentro da educação para que isso também ocorra fora do espaço escolar. Nesse contexto, a cultura e a diferença que a própria cultura cria entre os

povos passaram a ser elemento de conflitos em todo o mundo e a história marca intensos momentos de segregação, visão racista e preconceituosa sobre diversos grupos. De acordo com Gomes (2005) “discriminar, significa distinguir, diferenciar, discernir. A discriminação social pode ser considerada como uma prática do racismo e a efetivação do preconceito”. (p.55), portanto, é fundamental que a sociedade brasileira se modifique, para valorizar suas diversidades culturais como algo que enriquece a sociedade e não como um elemento que lhes cause qualquer tipo de violência e conflito.

Abordar o fator diferenças ou diversidades gera inúmeras discussões, pois são termos que envolvem uma multidimensionalidade de questões étnicas, culturais, sociais, econômicas, de preconceito e discriminação e muitas delas incidem sobre o espaço escolar. Santos (2008, p.15) afirma que:

Pesquisas demonstram que cada vez mais tem aumentado a presença de alunos que historicamente tinham sido excluídos da escola. Esta realidade pode ser vista principalmente nas escolas públicas, por constituir um espaço de grande diversidade, bem quando descrever no seu Projeto Pedagógico o perfil dos alunos que compõem as suas salas de aula, o que demonstra claramente que a educação pública está voltada para a educação de todas as pessoas e não mais para uma minoria como relata a história da Educação, ao descrever que nos primórdios da educação da humanidade ela era totalmente elitista, sendo o seu acesso permitido apenas a uma pequena parcela da população.

As diversidades servem também como um grande desafio para a escola, pois é preciso adaptar seu processo de ensino e aprendizagem as individualidades apresentadas pelos alunos, assim como promover um local que atenda a todas as diferenças e diversidades, promovendo a formação de indivíduos críticos, responsáveis, participativos e conscientes dos seus direitos, deveres e da necessidade de respeito ao próximo, mesmo que ele seja muito diferente do que se tem como padrão.

Atualmente, o número de pessoas que tem acesso às instituições de ensino público é muito maior, o que faz com que os desafios dessas instituições sejam ainda maiores, pois é preciso buscar formas de proporcionar sucesso escolar a todos os alunos, sem promover formas de exclusão. A Declaração Mundial sobre Educação para Todos de 1990, afirmou no art. 3º que “é necessário universalizar o acesso à educação e promover a equidade, melhorando sua qualidade, bem como tomar medidas efetivas para reduzir as desigualdades”.

As instituições de ensino do século XXI são marcadas pela heterogeneidade, são alunos muito diferentes entre si e que apresentam características diferenciadas daqueles que estudavam há décadas atrás. Religião, fatores econômicos, étnicos, de gênero, culturais, necessidades educacionais especiais, dentre outros aspectos tornam o espaço escolar diversificado e bastante complexo e por isto:

Além desses grupos, ainda encontramos os que apresentam facilidade para aprender e outros que sofrem para assimilar os conceitos mais simples, alguns que apresentam facilidade para aprender; mas não se interessam, pois não querem nada com nada; outros com dificuldades e se mostram muito interessados; outros com estilos de aprendizagem diferentes; e outros indisciplinados (SANTOS, 2008, p.15).

Isto deixa claro que os alunos presentes na sala de aula são diferentes entre si, e por isto, a prática pedagógica não pode ser única e homogênea, precisa basear-se nessas diversidades e assim dar origem a uma educação inter e multicultural, onde se respeita as diferenças dentro do espaço escolar, desenvolvendo um ensino que contribua a aprendizagem e desenvolvimento de todos.

Assim, a sala de aula é um espaço de expressão das diferenças, tanto em ritmos de aprendizagem, em relação com o saber, de interesses, estratégias de ensino, de ritmos e estilos de aprendizagem, onde não se pode tratar a todos como se estes fossem homogêneos, ao contrário, é preciso tratar cada um de acordo com sua individualidade, com suas particularidades, produzindo um ensino mais abrangente, que promova contribuições a sociedade, frente a necessidade do fim dos preconceitos e pela valorização das riquezas que cada um traz em si e que fazem da educação e da sociedade algo espetacular. O multiculturalismo e o interculturalismo ganha adeptos ao passo que é inserido na formação de educadores, já que a educação é um setor importantíssimo na formação social e precisa comprometer-se com a pluralidade e a busca de igualdade entre as raças e suas culturas.

Segundo Munanga (2001) o multi e o interculturalismo busca dar importância a todas as diversidades, sem que alguns se tornem mais importantes que outros. Para criá-lo, o diálogo é fundamental, porque desenvolve uma nova postura, que conhece e respeita o “diferente”, que cria espaços plurais, mas não os segrega que destrói as diferenciações entre brancos, negros, índios, judeus, etc. que torna a todos iguais em direitos e deveres.

3. EDUCANDO INTERCULTURALMENTE

A escola, da atualidade, tem vivenciado várias transformações em curto espaço de tempo e essas transformações são reflexo da luta social para combater as desigualdades sociais, principalmente porque a escola é vista como um dos principais ambientes a contribuir com essas mudanças. Diante dessa realidade, as instituições de ensino e os atores educacionais como um todo tem tornado-se mais conscientes de que é preciso preparar o ambiente escolar e todos os envolvidos na educação para promover uma educação de qualidade, onde a diversidade cultural seja não apenas preservada, mas, também, valorizada e assim, “a educação intercultural não pode ser reduzida a algumas situações e/ou atividades realizadas em momentos específicos, nem focalizar sua atenção exclusivamente em determinados grupos sociais” (CANDAUI, 2011, p. 250).

Almeida e Moreira (2015) consideram que existe uma multiplicidade de culturas dentro da sociedade contemporânea e por isto, a necessidade de construir uma educação que venha ultrapassar o etnocentrismo sociocultural. Para os autores, em muitos momentos a escola tem ignorado os conhecimentos assim como as múltiplas experiências trazidas por diferentes grupos sociais, isto porque seus padrões culturais não corresponderiam a cultura ocidental hegemônica. Por isto,

A instituição escolar parece ter dificuldade em reconhecer que grande parte da população não se enquadra nos parâmetros determinados por uma concepção universalista de cultura. Como as políticas educacionais ainda não se mostraram eficazes no que se refere a implementar uma educação escolar voltada para a diversidade cultural e social, os menos favorecidos não conseguem adaptar-se à escola, já que nela seus valores e saberes não são aceitos nem validados (ALMEIDA; MOREIRA, 2015, p.01).

A educação intercultural não é um processo facilmente alcançado, ao contrário, vários são os obstáculos para colocá-la em prática assim como afirma Schatter (2009, p.04) ao citar que “é importante estabelecer a interculturalidade relacionando nossa cultura com a cultura do outro, ou seja, compreender outra cultura requer relacioná-la com sua própria”. Isto quer dizer que a escola precisa trabalhar com as diferentes culturas, pois somente assim ela ensina o aluno a valorizar a cultura do outro e sua própria cultura diante dessa diversidade.

Santos (2008) considera que a escola pública que trabalha com a diversidade respeita as diferenças que existem em sala de aula e em todo o ambiente escolar, reconhecendo e valorizando as diferenças, onde o ensino não é igual para todos, pois ele

precisa adaptar-se as diversidades, criando um ensino que seja mais contextualizado, que desafie os alunos, que leve a produção de uma verdadeira aprendizagem, efetivando a aprendizagem para todos e não apenas para um pequeno grupo.

Há de se considerar também que de acordo com Nascimento e André (2020), a compreensão da importância da educação intercultural dentro do espaço escolar abre possibilidades de reflexão sobre como é desenvolvido o ensino na atualidade, fazendo assim como que sejam colocadas em prática transformações necessárias não apenas nos aspectos pedagógicos, mas também na gestão das instituições, na qualificação docente e nas políticas públicas que regem a organização das instituições de ensino. Assim sendo, os autores consideram que “as diferenças culturais fazem parte da escola como integrante das relações interpessoais e das práticas pedagógicas. Nesse caminho devem-se repensar as ações educativas” (NASCIMENTO; ANDRÉ, 2020, p.02).

Candau (2011) considera que ao pensar a educação intercultural fica evidente como é preciso repensar as instituições de ensino como um todo, incluindo o Projeto Político Pedagógico (PPP) de tais instituições. As ações desenvolvidas devem permitir que os alunos aprendam de acordo com suas particularidades, com base na história e cultura dos povos e da sociedade a qual pertencem, promovendo assim, o respeito e a valorização das diversidades culturais.

Tallei e Teixeira (2020) afirmam que a interculturalidade é um espaço único, multicultural e multiétnico e que é influenciado por fatores como a língua, a etnia, nacionalidade, religião, dentre outros aspectos da vida do indivíduo que dão origem a sua cultura e do povo onde ele vive. É preciso diante de tal contexto refletir sobre a educação intercultural dentro do espaço escolar, e considerar que todos os alunos dentro de suas particularidades e diversidades contribuem para construir o que a instituição escolar é, levando em consideração aspectos como identidade, etnia e cultura e dessa maneira a escola “por si só não dará conta de enfrentar esses desafios e realizar seu papel, se ela não contar com meios para esse fim, ou seja, mecanismos que possibilitem e contribuam para a realização dos objetivos no sentido de dirimir as diferenças” (CANDAU 2011, p. 253).

Ensinar para a diversidade não é algo fácil, ao contrário, Candau (2011) considera que essa competência é de obrigação não apenas daqueles que atuam nas instituições de ensino, mas também do poder público que deve procurar formas de subsidiar instituições e mecanismos que garantam a realização de um trabalho que venha a possibilitar a

harmonia e a valorização das diferenças culturais não apenas no espaço escolar, mas na sociedade como um todo.

Gauthier citado por Nascimento e André (2020) argumentam que em muitos casos, as instituições de ensino propagam conhecimentos e saberes que não são construídos para a realidade daquela instituição e que, por isto, exigem a postura crítica do professor que precisa ser preparado para diversificar o currículo e para inserir a realidade dos alunos dentro da escola. Tardiff (2012) critica o fato de que, em muitos casos, a formação docente não leva em consideração a diversidade presente em sala de aula e “as múltiplas articulações entre a prática docente e os saberes fazem dos professores um grupo social e profissional que, para existir, precisa dominar, integrar e mobilizar” (TARDIFF, 2012, p.47). Assim, o professor, para desenvolver uma educação intercultural precisa saber transformar os conteúdos e conhecimentos em maneiras eficazes de adaptar as variações de habilidades sobre diferentes contextos.

Silva (1999) chama a atenção para a questão do currículo, o que para ele é um artefato social e cultural e que precisa ser tratado como um determinante social e também, histórico. O currículo não é algo neutro e precisa levar em consideração a realidade e as diversidades entre os alunos, valorizando o meio em que vivem, auxiliando-os a compreender e agir sobre sua própria realidade. Assim, a perspectiva intercultural entende a educação como algo capaz de abordar a complexidade das interações humanas, superando os preconceitos e formas de exclusão sociocultural e criando condições para que haja crescimento de todos aqueles que estão no espaço escolar, o que exige mudanças em áreas diferenciadas como o currículo, as metodologias utilizadas, as técnicas e instrumentos pedagógicos, a formação docente e a qualificação dos demais funcionários da escola.

A educação intercultural, de acordo com Fleuri (2000) trata a educação como apenas como uma mera transmissão de informações de um indivíduo para o outro, mas como a construção de processos que ocorrem de forma recíproca, em cooperação entre professores e alunos, onde há trocas de experiências e onde todos estão em constante processo de aprendizagem.

4. OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

A qualidade assim como o sucesso da educação como um todo depende, especialmente, da qualidade daqueles que estão a frente do processo de ensino-

aprendizagem, ou seja, da qualificação docente. Segundo Nascimento e André (2020), é de fundamental importância que instituições de ensino e professores consigam pensar uma educação intercultural que leve em consideração as experiências humanas, os diferentes modos culturais que fazem parte do universo histórico e social dos alunos. É preciso, por isto, compreender as identidades e o fato de que elas são híbridas e que há diferenças até mesmo dentro das próprias diferenças.

Para Tardif (2012) é de grande importância que a formação docente seja algo valorizado, isto porque a relação do docente com o saber não envolve a simples transmissão daqueles conhecimentos que já foram construídos, mas integra outros tipos de saberes e as relações com eles estabelecidos. Há de se considerar que o professor precisa conviver em um espaço prático e construtivo de transformação e de mobilização de saberes e o fato de lidar como a diversidade de saberes, práticas e culturas, torna o trabalho do professor algo ainda mais desafiador.

O professor tem o desafio de construir um processo de ensino-aprendizagem que reconhece as diferenças, onde o aluno aprende a reconhecer e a valorizar o outro dentro de suas particularidades e potencialidades, onde há equidade entre os alunos, igualdade de oportunidades e cada um, dentro de sua realidade consegue desenvolver-se e aprender, promovendo uma educação que valoriza as raízes e diversidades culturais, uma educação multicultural. Para Gadotti (1992, p. 21), “a escola que se insere nessa perspectiva procura abrir os horizontes de seus alunos para a compreensão de outras culturas, de outras linguagens e modos de pensar, num mundo cada vez mais próximo, procurando construir uma sociedade pluralista”. Assim, a educação intercultural é um reflexo da educação inclusiva, pois ela atende todos os alunos, independente de suas características físicas, intelectuais, linguísticas, religiosas, sexuais, sociais, etc. garantindo permanência e sucesso na educação.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais são um dos vários documentos que regem a educação brasileira e que expressam a necessidade de atender as diversidades e singularidades existentes entre os alunos:

[...] a educação escolar deve considerar a diversidade dos alunos como elemento essencial a ser tratado para a melhoria da qualidade de ensino aprendizagem. [...] A escola, ao considerar a diversidade, tem como valor máximo o respeito às diferenças - não o elogio à desigualdade. As diferenças não são obstáculos para o cumprimento da ação educativa;

podem e devem, portanto, ser fator de enriquecimento (BRASIL, 1997, p.96-97).

Ao contrário dessa proposta, porém, várias práticas culturais ainda são fundadas na ideia de identidade nacional, fazendo com que haja um caráter monocultural na educação e esta é que prevalece dentro dos currículos e que prega a ideia de que todos devem partilhar da mesma cultura. Essa ação homogeneizadora de acordo com Almeida e Moreira (2015) faz com que a educação escolar, em muitos momentos ignore ou cale as diferenças culturais, o que incide diretamente sobre o fortalecimento das desigualdades sociais.

Colocar em prática a educação intercultural exigirá que o professor acolha as diferentes culturas e para isto, ele precisa conhecê-las, acolhendo histórias de vida dos alunos, conhecendo suas crenças e valores, trocando experiências com os alunos e aprendendo a lidar com as diferentes formas de se pensar e de se agir. Santos (2009) acredita que educar para a diversidade poderia auxiliar a diminuir a exclusão sociocultural que, historicamente, foi marca das instituições de ensino.

Candau (2011) deixa claro que a exclusão social e escolar continua a ser problemas graves da educação formal brasileira e por isto, é preciso romper com esse modelo educativo que ainda está em voga em tantas instituições de ensino e que se baseia em um currículo monocultural que volta-se para a igualdade, ignorando a diversidade cultural e baseando-se em preceitos de homogeneidade:

A cultura escolar predominantemente nas nossas escolas se revela como “engessada”, pouco permeável ao contexto em que se insere, aos universos culturais das crianças, jovens a que se dirige e à multiculturalidade das nossas sociedades. Parece que o sistema público de ensino, nascido no contexto da modernidade, assentado no ideal de uma escola básica a que todos têm direito e que garanta o acesso a todos os conhecimentos sistematizados de caráter considerado “universal”, além de estar longe de garantir a democratização efetiva do direito à educação e ao conhecimento sistematizado, terminou por criar uma cultura escolar padronizada, ritualística, formal, pouco dinâmica, que enfatiza processos de mera transferência de conhecimentos, quando esta de fato acontece, e está referida à cultura de determinados atores sociais, brancos, de classe média, de extrato burguês e configurado pela cultura ocidental, considerada como universal. (CANDAU, 2011, p. 182).

O interculturalismo busca dar importância a todas as diversidades, sem que alguns se tornem mais importantes que outros. Para criá-lo, o diálogo é fundamental, porque desenvolve uma nova postura, que conhece e respeita o “diferente”, que cria espaços

plurais, mas não os segrega que destrói as diferenciações entre brancos, negros, índios, judeus, etc. que torna a todos iguais em direitos e deveres. Porém, para chegar a uma sociedade que desenvolve interculturalismo é preciso vencer barreiras históricas, processos sociais arcaicos, construídos em centenas de anos e que deixaram profundas marcas na configuração da sociedade e do espaço brasileiro. Momentos esses que perpassam pelo tráfico negreiro que retirou o negro de seu continente e o levou a lugares desconhecidos para ser explorado, passando pelo processo de “escravidão” e “abolição” da escravatura.

A educação intercultural está hoje lutando contra nossa formação histórica que não deu importância as culturas e particularidades do negro, do indígena e de diversos outros povos que ajudaram na construção do país. De acordo com Candau (2008):

A nossa formação histórica está marcada pela eliminação física do “outro” ou por sua escravização, que também é uma forma violenta de negação de sua alteridade. Os processos de negação do “outro” também se dão no plano das representações e no imaginário social. Nesse sentido, o debate multicultural na América Latina nos coloca diante da nossa própria formação histórica, da pergunta de como nos construímos socioculturalmente, o que negamos e silenciemos, o que afirmamos, valorizamos e integramos na cultura hegemônica. A problemática multicultural nos coloca de modo privilegiado diante dos sujeitos históricos que foram massacrados, que souberam resistir e continuam hoje afirmando suas identidades e lutando por seus direitos de cidadania plena na nossa sociedade, enfrentando relações de poder assimétricas, de subordinação e exclusão (CANDAUI, 2008, p.17).

Mesmo com a formação de espaços e da sociedade tão desigual, muitos movimentos e leis têm contribuído para a inserção do interculturalismo, como os Parâmetros Curriculares Nacionais de 1997 que incorporaram aos Temas Transversais o da pluralidade cultural, que buscasse levar ao aluno e a sociedade um maior conhecimento de suas diversidades. Surge assim, a proposta do inter e do multiculturalismo, como uma política de reconhecimento das identidades de cada grupo, buscando criar um espaço social de igualdade entre todos, onde política e educação sejam elementos de transformação e construção social.

Nossa sociedade é multicultural, porque têm determinantes e configurações histórico, político, socioculturais e étnicas diferenciadas, assim cada sociedade é diferente entre si e precisa criar processos de inserção que caibam na sua realidade e principalmente

para se construir uma sociedade multicultural, seus olhos precisam ser abertos para o fato de que:

Há grupos, como os indígenas, negros, homossexuais, pessoas oriundas de determinadas regiões geográficas do próprio país ou de outros países e de classes populares, e/ou com baixos níveis de escolarização, com deficiência, que não tem o mesmo acesso a determinados serviços, bens, direitos fundamentais que outros grupos sociais, em geral, de classe média ou alta, brancos, considerados “normais” e com elevados níveis de escolarização. ((MOREIRA; CANDAU, 2008, p. 20).

Enfim, é preciso criar conscientização e conhecimento dentro de uma sociedade desigual, que precisa lutar pelo fim dessa realidade, pela mudança do status quo. Nessa perspectiva o multiculturalismo é uma das diversas propostas as sociedades que utiliza suas diversidades de maneira tensa e conflituosa, para que as mesmas busquem criar “sociedades democráticas, pluralistas e inclusivas. É necessário que se articule políticas de igualdade com políticas de identidade”. (CANDAU, 2011, p.25). É preciso construir uma prática educativa diversificada, que abarca a todas as culturas, que gera equilíbrio cultural e que contribui com o sucesso escolar e para isto, todos dentro do espaço escolar precisam buscar conhecimentos, qualificar-se e sair de sua zona de conforto, buscando diversificar as formas de ensinar, os conteúdos, abrindo espaço para as diferentes realidades em que vivem os alunos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso pensar a educação interdisciplinar como um processo de reconstrução, de diálogo e aprendizagem sobre as diferentes culturas que fazem parte do ambiente escolar, onde a instituição de ensino e seus profissionais devem basear suas ações e propostas na igualdade, respeito, tolerância, de forma a construir uma educação que seja verdadeiramente democrática e justa para todos. Para isto, precisa-se colocar em prática uma ampla reforma no sistema educativo, onde a diversidade seja foco do planejamento e de todas as ações.

É preciso compreender que a escola é um ambiente de diversidades, com sujeitos plurais que são influenciados por fatores como gênero, raça, etnia, classes sociais, concepções de educação, culturas diferenciadas e elas também incidem sobre a maneira como eles aprendem e se relacionam no ambiente escolar. É preciso assim, construir um espaço escolar que seja multicultural, que valoriza as diversidades e acolhe a todos.

A escola da atualidade está cada dia mais diferente, principalmente porque é um espaço que abarca cada vez mais as diversidades, crianças, jovens e adultos de diferentes lugares e que proporcionam uma riqueza muito grande de conhecimentos e de questões que podem ser exploradas pela escola. Nesse contexto, os professores tem uma missão muito importante, pois gerir as diversidades não é algo tão simples como se imagina, principalmente, porque é preciso considerar as particularidades de cada aluno e fazer com que os mesmos tenham oportunidades e perspectivas para melhorias futuras em suas condições de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Célia Maria de Castro; MOREIRA, Marta Candido. **Educação intercultural e formação de professores/as: uma experiência em assentamento rural**. 2015. Disponível em <<https://www.anped.org.br/sites/default/files/gt081069int.pdf>>. Acesso em 29 de agosto de 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica. **Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010**. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/index.php/rock-res2010/4766-res01913072010anexo01/download>>. Acesso em 27 de agosto de 2023.
- CANDAU, V, M. **Diferenças culturais cotidiano escolar e práticas pedagógicas**. Rio de Janeiro: PUC, 2011.
- CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antônio Flávio. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- FLEURI, Reinaldo M. Multiculturalismo e interculturalismo nos processos educacionais. In: CANDAU, Vera M. (Org.). **Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 67-81.
- GADOTTI, Moacir. **Diversidade Cultural e Educação para Todos**. Juiz de Fora: Graal, 1992.
- GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão IN **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal n. 10.639/03/** Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál**. Florianópolis v. 10 n. esp. p. 37-45 2007.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 3 ed. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Fundamental, 2001.

NASCIMENTO, Nayara do; ANDRÉ, Tamara Cardoso. A importância da educação intercultural na formação de professores. **Pleiade**, p. 33-40, Jul.-Dez., 2020.

SANTOS, Ivone Aparecida dos. **Educação para a diversidade**: uma prática a ser construída na educação básica. Produção Didático-Pedagógica – Caderno Temático – apresentado ao Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná – PDE. Cornélio Procópio, 2008.

SCHLATTER, M. GARCEZ, P. **Referenciais Curriculares para o Ensino de Língua Espanhola e de Língua Inglesa**. Rio Grande do Sul: Secretaria de Educação do Estado, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Autêntica: Belo Horizonte, 1999.

TALLEY, Jorgelina; TEIXEIRA, Wagner Barros (Orgs.). **Transbordando as fronteiras**: lenguajes desde el entrelugar, resistencia y pluralidad en los Brasiles [recurso eletrônico]. Manaus: EDUA, 2020. 442 p.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 13 ed. Petrópolis, RJ: 2012

Credenciais da/os autora/es

MATEUS, Susy Adelina – FACMAIS/Brasil.

PURIFICAÇÃO, Marcelo Máximo - FACMAIS/Brasil.

CHAMPANGNATT, Dostoiewski - FACMAIS/Brasil.

CATARINO, Elisângela Maura - UNIFIMES/Brasil.

Endereço para correspondência: Marcelo Máximo Purificação. E-mail: marcelomaximo@facmais.edu.br

Como citar este artigo (Formato ABNT): MATEUS, Susy Adelina; PURIFICAÇÃO, Marcelo Máximo; CHAMPANGNATT, Dostoiewski; CATARINO, Elisângela Maura. A IMPORTÂNCIA E A CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO INTERCULTURAL. **Educação, Psicologia e Interfaces**, v. 5, n.1, v5i1.490, 2023. DOI: 10.37444/issn-2594-5343.v5i1.490

Recebido: 10/10/2022.

Aceito: 21/12/2022.

Publicado: 12-01-2023.